

# A Sarabanda Dos Partidos

O mais impressionante fato da politica brasileira, na atualidade, é a aparente contradição das alianças partidárias que se estão fazendo para o próximo pleito. Dir-se-ia, ao considerá-las, já não dizemos nenhuma contradição, senão nenhuma diferença haver entre os chamados partidos nacionais, tão facilmente e tão diversamente se combinam e se ajustam as respectivas secções nos Estados. Trarão tais partidos consigo alguma inspiração ideológica, se tão facilmente se amalgamam? Aventuroso seria afirmá-lo, em que pese aos programas com que se apresentam.

Na verdade, são partidos feitos da mesma farinha, pois todos eles visam e disputam uma só couca — o poder e as vantagens que o poder confere. Num Estado, determinados partidos são rivais, porque ali se julgam com igual direito ao poder; em outro, são aliados, para disputar o poder a um rival mais forte. Daí a louca sarabanda, que ora se está vendo e a que não escapam nem as mais dignas e respeitáveis personalidades da nossa vida pública.

Que revelam, possuir, esses fatos, senão a total falência dos partidos nacionais? Em verdade, tais partidos não existem, nem nunca existiram na República. O que temos no Brasil, como em todas as demais repúblicas presidenciais, são meros sindicatos eleitorais, simples máquinas de prover os cargos públicos. Se têm programas aparentemente ideológicos, é porque não se podem apresentar nus e, além disto, a lei os exige. São-lhes tão inerentes os programas, como as vestes com que andamos em público e que todos os dias mudamos. Simples questão de apresentação e decência.

Mas, se tal é a realidade, dos partidos não é a culpa. Comportam-se eles como quem são e não podem deixar de ser. Como formações orgânicas e vivas, configuram-se e comportam-se de acôrdo com o ambiente. Assim como ninguém poderia pretender que a nossa elegante araucária vingasse na Amazônia, assim também não se poderiam desenvolver entre nós, com o atual regime, partidos de feição européia, isto é, verdadeiros partidos.

A culpa do triste espetáculo que estamos presenciando — repetimo-lo — não é dos partidos, é do sistema politico. Velha e fartamente comprovada é a afirmação. Apesar dos seus notórios defeitos, os partidos da Monarquia eram verdadeiros partidos. Proclamada a Republica, desapareceram os partidos nacionais. Os que aí temos por fôrça da lei, e unicamente por fôrça dela, são simples alianças de partidos ou agrupamentos estaduais, reunidos sob a mesma legenda. Que isto fôsse o PSD, organização formada para salvar os destroços da Ditadura, compreende-se facilmente; mas que, sem uma influência geral e incontrastável, o mesmo succedesse com a UDN, é o que mal se compreenderia.

Entretanto, fácil é explicá-lo a quem, sem se deter na superfície, vá ao fundo do fenômeno. Para que haja verdadeiros partidos, preciso é que a vida pública do país gire em tórno de idéias e soluções, e não em tórno de homens e posições. E' o caso do Brasil, é o caso dêste regime? Evidentemente, não. Porque, tanto na União, como nos Estados e nos Municipios, o chefe do poder executivo é tudo e tudo dele depende, idéias e principios são perfeitamente dispensáveis e, mais do que isto, tornam-se uma bagagem incômoda, que se abandona na primeira volta do caminho.

Por isto não vingam, ou têm uma existência fictícia os partidos nacionais. Por isto, estamos vendo nos Estados as mais assombrosas alianças partidárias. Culpa dos partidos? Não. Culpa do sistema e dos homens que o não querem mudar.